

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 3



Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-281-4

DOI 10.22533/at.ed.814192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Aproximar as diferentes áreas do saber com a finalidade de propor reflexões e contribuir com a formação dos sujeitos significa potencializar as habilidades que cada um traz consigo e, ao mesmo tempo, valorizar os múltiplos saberes, correlacionando com as questões que necessitam ser reestruturadas.

Neste terceiro volume da coletânea, os propósitos comunicativos e de divulgação científica dos conhecimentos produzidos no campo das Letras, Linguística e das Artes são cumpridos por aproximar e apresentar aos leitores vinte e nove reflexões que, certamente, problematizarão as questões de trabalho com as ciências da linguagem e da atuação humana.

O autor do primeiro capítulo problematiza o processo de letramento dos sujeitos com deficiência visual, destacando a relevância do trabalho de revisão textual em Braille e da atuação do profissional Revisor de textos em Braille, ampliando as questões referentes à inclusão e às políticas de acessibilidade. No segundo capítulo, os autores abordam as dificuldades referentes à leitura e produção textual nas turmas de 6º e 8º anos do Ensino Fundamental, de uma instituição da Rede Pública. No terceiro capítulo é apresentado um relato do processo de redução orquestral para piano da Fantasia Brasileira de Radamés Gnattali, composta em 1936.

No quarto capítulo são apresentadas as observações na recepção do leitor/receptor com a poesia, na leitura de poemas escritos e multimodais e como a sonoridade interfere na interpretação dos poemas e a proximidade do leitor com tal tipologia. No quinto capítulo, o autor propõe como reflexão o ensino e a aprendizagem de língua inglesa no Brasil, considerando os fatores socioculturais e linguísticos. No sexto capítulo é tematizado o sentido da arte para o público que agiu como coautor de uma instalação artística realizada no espaço expositivo de uma instituição mineira.

No sétimo capítulo, o autor apresenta uma leitura das metáforas metalinguísticas do escritor Euclides da Cunha, nos livros *Os Sertões* e *Um paraíso perdido*. No oitavo capítulo, o autor revela as etapas de realização do I Salão Global da Primavera. No nono capítulo, a autora analisa como as animações do Studio Ghibli, sob comando dos diretores Miyazaki e Takahata como desenvolvimento do cinema japonês.

No décimo capítulo, os autores abordam sobre o processo histórico de revitalização do Nheengatu ou Língua Geral Amazônica. O décimo primeiro capítulo tece sintéticas considerações no processo de reconhecimento e metodologias para o ensino de Arte. No décimo segundo capítulo são discutidas as abordagens sobre gênero e como tais questões estão presentes na obra *O Matador*, da escritora contemporânea Patrícia Melo.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a participação da mulher no processo histórico de consolidação do samba de raiz. No décimo quarto capítulo, o ensino de Literatura aos alunos com surdez simboliza o objeto de letramento dos sujeitos. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta um estudo de caráter

documental, reunindo e expondo as informações referentes à poesia Sul-matogrossense, de Dora Ribeiro.

No décimo sexto capítulo, o autor faz uma leitura ampla do disco *Sobrevivendo no Inferno*, 1997, do Racionais MC's. No décimo sétimo capítulo, o autor aborda as noções de veracidade e verossimilhança em *No mundo de Aisha*. No décimo oitavo capítulo a discussão volta-se para a questão da mobilidade acadêmica internacional de estudantes brasileiros, como forma de produção do conhecimento além-fronteiras. No décimo nono capítulo há uma reflexão crítica a respeito dos discursos do sucesso na sociedade atual, tendo como instrumental teórico e metodológico a *Análise do Discurso* derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux.

No vigésimo capítulo, os autores expõem a cultura togolesa em relação aos aspectos econômico, social, educacional e ambiental. No vigésimo primeiro capítulo, os autores utilizam na discussão do trabalho a pesquisa autobiográfica proposta por Joseph Campbell. No vigésimo segundo capítulo, o autor traz à discussão a temática da luta contra a ditadura do teatro brasileiro, enfatizando a escrita e a atuação de Augusto Boal.

No vigésimo terceiro capítulo, a autora discute a valorização da identidade nacionalista em consonância com a crítica social presentes na produção poética santomense de autoria feminina. No vigésimo quarto capítulo, os autores disseminam reflexivamente alguns conceitos sobre a importância do solo no ambiente escolar como estratégia aproximada dos saberes e da promoção formativa de uma consciência pedológica. No vigésimo quinto capítulo, o Canto Coral é discutido como atividade integradora e socializadora para os participantes, promovendo, sobretudo, o aprendizado musical.

No vigésimo sexto capítulo, o autor problematiza a condução da dança de salão, além de enfatizar questões acerca da sexualidade, comunicação proxêmica e relações de poder com base em alguns conceitos discutidos no trabalho. No vigésimo sétimo capítulo são apresentados os resultados da pesquisa *A identidade regional e a responsabilidade social como ferramentas para agregar valor na Moda da Serra Gaúcha*. No vigésimo oitavo capítulo, o autor discute e apresenta as influências da Era Digital na produção e recepção literárias na narrativa transmídia. E no vigésimo nono e último capítulo, as autoras refletem sobre as experiências poéticas e discutem as noções estéticas das práticas artísticas humanitárias.

É nessa concepção que a compilação dos vinte e nove capítulos possibilitará a cada leitor e interlocutor desta coletânea compreender que o conhecimento estabelece conexões entre as diferentes áreas do conhecimento. Assim, a produção organizada do conhecimento na experiência dos interlocutores desta Coleção abre caminhos nas finalidades esperadas nas habilidades de leitura, escrita e reflexão.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| O LETRAMENTO NA DEFICIÊNCIA VISUAL E AS QUESTÕES DE REVISÃO TEXTUAL EM BRAILLE | |
| Ivan Vale de Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.8141924041 | |
| CAPÍTULO 2 | 14 |
| FÁBULAS, PROVÉRBIOS: TECITURAS DA LÍNGUA PORTUGUESA | |
| Jean Brito da Silva | |
| Lindalva José de Freitas | |
| DOI 10.22533/at.ed.8141924042 | |
| CAPÍTULO 3 | 24 |
| FANTASIA BRASILEIRA PARA PIANO E ORQUESTRA DE RADAMÉS GNATTALI: RELATO DO PROCESSO DE REDUÇÃO ORQUESTRAL | |
| Cláudia de Araújo Marques | |
| DOI 10.22533/at.ed.8141924043 | |
| CAPÍTULO 4 | 34 |
| FRUIÇÃO NA RECEPÇÃO POÉTICA E OS IMPACTOS DA SONORIDADE NESSE PROCESSO | |
| Lavínia dos Santos Prado | |
| Letícia Gottardi | |
| Wilker Ramos Soares | |
| DOI 10.22533/at.ed.8141924044 | |
| CAPÍTULO 5 | 49 |
| INTERSECÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E LINGUÍSTICA NO APRENDIZADO DE INGLÊS: UM “INGLÊS BRASILEIRO” | |
| Victor Carreão | |
| DOI 10.22533/at.ed.8141924045 | |
| CAPÍTULO 6 | 56 |
| INSTALAÇÃO ARTÍSTICA E OS SENTIDOS PRODUZIDOS PELO PÚBLICO: O CORPO COMO LÓCUS DE POSICIONAMENTO POLÍTICO E ESTÉTICO | |
| Adriana Vaz | |
| Rossano Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.8141924046 | |
| CAPÍTULO 7 | 69 |
| METÁFORAS METALINGUÍSTICAS DE EUCLIDES DA CUNHA | |
| Carlos Antônio Magalhães Guedelha | |
| DOI 10.22533/at.ed.8141924047 | |
| CAPÍTULO 8 | 83 |
| O I SALÃO GLOBAL DA PRIMAVERA – ARTES PLÁSTICAS: BRASÍLIA E ESTADO DE GOIÁS, 1973 - REALIZAÇÃO REDE GLOBO | |
| Aguinaldo Coelho | |
| DOI 10.22533/at.ed.8141924048 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 9 | 97 |
| O MODELO DE CINEMA DO STUDIO GHIBLI, QUE CONQUISTOU OS JAPONESES | |
| Luiza Pires Bastos | |
| DOI 10.22533/at.ed.8141924049 | |
| CAPÍTULO 10 | 107 |
| O NHEENGATU NO RIO TAPAJÓS: REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA E RESISTÊNCIA POLÍTICA | |
| Florêncio Almeida Vaz Filho | |
| Sâmela Ramos da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240410 | |
| CAPÍTULO 11 | 123 |
| PROCESSOS INVESTIGATIVOS PARA COMPREENDER AS IMAGENS COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA ARTE | |
| Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240411 | |
| CAPÍTULO 12 | 135 |
| REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NAS PERSONAGENS CLEDIR E ÉRICA EM <i>O MATADOR</i> , DE PATRÍCIA MELO | |
| Naira Suzane Soares Almeida | |
| Algemira de Macedo Mendes | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240412 | |
| CAPÍTULO 13 | 146 |
| SAMBA DE RAIZ: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DO TESTEMUNHO FEMININO | |
| Claudia Toldo | |
| Débora Facin | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240413 | |
| CAPÍTULO 14 | 161 |
| SILÊNCIOS E SILENCIADOS: O ENSINO DE LITERATURA E OS ALUNOS SURDOS | |
| Mirian Theyla Ribeiro Garcia | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240414 | |
| CAPÍTULO 15 | 175 |
| DORA RIBEIRO: ESBOÇO DA VIDA E OBRA | |
| Ana Claudia Pinheiro Dias Nogueira | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240415 | |
| CAPÍTULO 16 | 192 |
| <i>SOBREVIVENDO NO INFERNO: DE ONDE VEM O RACIONAIS?</i> | |
| Rodrigo Estrella Mendes | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240416 | |
| CAPÍTULO 17 | 205 |
| VERACIDADE E VEROSSIMILHANÇA N'O <i>MUNDO DE AISHA</i> | |
| Antonio do Rego Barros Neto | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240417 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 18 | 222 |
| UM OLHAR DIALÓGICO PARA A MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DE ESTUDANTES BRASILEIROS | |
| Vilton Soares de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240418 | |
| CAPÍTULO 19 | 240 |
| A FORÇA DAS PALAVRAS: OS SENTIDOS DO SUCESSO | |
| Thiago Barbosa Soares | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240419 | |
| CAPÍTULO 20 | 250 |
| A CULTURA AFRICANA: CASO DA REPÚBLICA DO TOGO | |
| Omar Ouro-Salim | |
| José Eduardo Machado Barroso | |
| Marcela Cabral Mendes Barroso | |
| Fausto Teodoro Neves | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240420 | |
| CAPÍTULO 21 | 262 |
| A JORNADA DO HERÓI COMO MÉTODOLOGIA DE PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA | |
| Ítalo Franco Costa | |
| Cláudia Mariza Mattos Brandão | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240421 | |
| CAPÍTULO 22 | 272 |
| A LUTA CONTRA A DITADURA DO TEATRO BRASILEIRO: AUGUSTO BOAL E A <i>PRIMEIRA FEIRA PAULISTA DE OPINIÃO</i> | |
| Daniele Severi | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240422 | |
| CAPÍTULO 23 | 284 |
| A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E A CRÍTICA SOCIAL PRESENTES NA PRODUÇÃO POÉTICA SANTOMENSE DE AUTORIA FEMININA | |
| Susane Martins Ribeiro Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240423 | |
| CAPÍTULO 24 | 296 |
| O TEATRO DE FANTOCHES COMO PRÁTICA SIGNIFICATIVA PARA CONTEXTUALIZAR O TEMA SOLO EM SALA DE AULA | |
| José Ray Martins Farias | |
| Josiele Carlos Fortunato | |
| Paulo Cesar Batista de Farias | |
| Ivson de Sousa Barbosa | |
| Francisco Laires Cavalcante | |
| Adriana de Fátima Meira Vital | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240424 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 25 | 307 |
| CANTO CORAL COMO AGENTE DE INTERAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO | |
| Karen Zeferino | |
| Andréia Anhezini da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240425 | |
| CAPÍTULO 26 | 312 |
| DANÇA DE SALÃO E NOVOS CONCEITOS DE CONDUÇÃO: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA SEXUALIDADE, COMUNICAÇÃO PROXÊMICA E RELAÇÕES DE PODER | |
| Bruno Blois Nunes | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240426 | |
| CAPÍTULO 27 | 325 |
| TECENDO A IDENTIDADE PARA POTENCIALIZAR A SUSTENTABILIDADE DAS EMPRESAS LOCAIS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA | |
| Mercedes Lusa Manfredini | |
| Bernardete Lenita Sisuin Venzon | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240427 | |
| CAPÍTULO 28 | 334 |
| “O MENINO QUE SOBREVIVEU”: O FENÔMENO <i>HARRY POTTER</i> NA ERA DIGITAL | |
| Fellip Agner Trindade Andrade | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240428 | |
| CAPÍTULO 29 | 342 |
| CAMINHAR, UM MÉTODO POÉTICO (BRASÍLIA) | |
| Tatiana Vieira Terra | |
| Karina e Silva Dias | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240429 | |
| CAPÍTULO 30 | 354 |
| O CABRA E A QUESTÃO CULTURAL NAS METÁFORAS ANIMAIS | |
| Fernanda Carneiro Cavalcanti | |
| DOI 10.22533/at.ed.81419240430 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 366 |

A JORNADA DO HERÓI COMO MÉTODOLOGIA DE PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA

Ítalo Franco Costa

Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas - RS

Cláudia Mariza Mattos Brandão

Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas – RS

RESUMO: O artigo aborda a utilização da “Jornada do Herói”, proposta por Joseph Campbell, como metodologia de pesquisa autobiográfica, tornando-a um meio instigador de reflexões poéticas acerca da trajetória de vida e de formação, e permitindo discussões sobre vitórias, percalços e aprendizados que compõem o processo de formação humana/docente. A metodologia se estrutura em dois conceitos principais: “fato biográfico” (DELORY-MOMBERGUER, 2016) e “momentos-charneira” (JOSSO, 2004), relacionados às ideias de Campbell, acionando a memória e a reflexão crítica sobre o vivido. A problematização desses conceitos vinculados à “formação experiencial” (JOSSO, 2004) ressignifica poeticamente os percursos formativos através da arte, visibilizando o capital simbólico que atua como elemento constitutivo da formação humana. A partir da análise dos resultados obtidos em Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais – Licenciatura (CeArte/UFPel), concluímos que a elaboração poética da

“Jornada do Herói”, compreendida como recurso metodológico, evidencia a potencialidade da arte e seus fazeres como mediadores do universo mitológico do imaginário e a (re)invenção de si, através da escrita autobiográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Monomito, Memória, Pesquisa Autobiográfica.

ABSTRACT: The article discusses the use of the “Hero’s Journey”, proposed by Joseph Campbell, as an autobiographical research methodology, making it an instigator of poetic reflections about life and formation, and allowing discussions about victories, mishaps and learning that make up the process of human/teacher formation. The methodology is structured in two main concepts: “biographical fact” (DELORY-MOMBERGUER, 2016) and “hinge-moments” (JOSSO, 2004). The problematization of these concepts linked to “experiential formation” (JOSSO, 2004) poetically re-signifies the formative paths through art, making visible the symbolic capital that acts as a constituent element of human formation. From the analysis of the results obtained in Undergraduate Thesis of the Visual Arts – Graduation Course (CeArte / UFPel), we conclude that the poetic elaboration of the “Hero’s Journey”, understood as a methodological resource, evidences the potentiality of art and its actions as mediators of the mythological universe of the imaginary and

(re) invention of itself through autobiographical writing.

KEYWORDS: Monomith, Memory, Autobiographic Research.

1 | INTRODUÇÃO

O destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região de tesouros e dos perigos (...) sempre é um lugar habitado por seres estranhamente fluidos e polimorfos, tormentos inimagináveis, façanhas sobre-humanas e delícias impossíveis. O herói pode agir por vontade própria na realização da aventura (...) da mesma forma, pode ser levado ou enviado para longe por algum agente benigno ou maligno. (...) A aventura pode começar com um mero erro (...); igualmente, o herói pode estar simplesmente caminhando a esmo, quando algum fenômeno passageiro atrai seu olhar errante e leva o herói para longe dos caminhos comuns do homem (CAMPBELL, 2007, p. 66).

Assim, Joseph Campbell (2007) pontua os caminhos, tortuosos ou não, de um herói ao aceitar o seu “Chamado para a Aventura”, identificando-o como uma pessoa comum, alguém passível de qualidades e defeitos, falhas e sucessos. Como afirma o autor: “O herói (...), é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas” (CAMPBELL, 2007, p. 28). E no decorrer de sua Jornada, esse herói, humanamente encarnado, “cumpre” missões e “avança” rumo à resolução de tarefas/problemas, ao longo da vida.

A Jornada do Herói, um circuito que se repete sucessivamente (Figura 1), é proposta por Campbell como um “Monomito”, ou seja, um mito universal que está presente em histórias de diferentes períodos, desde a clássica “Odisseia” até as aventuras de *Harry Potter* ou *Star Wars*.

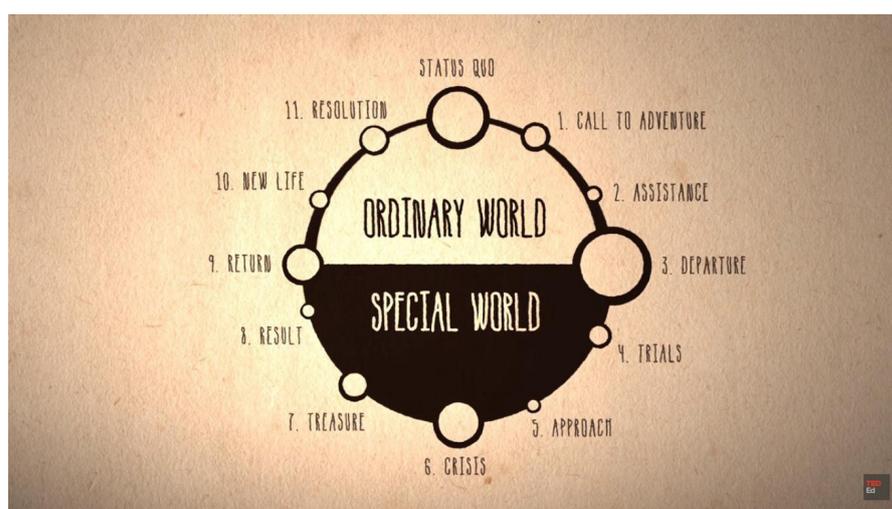


Figura 1: **Matthew Winkler**. Esquema da “Jornada do Herói”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hhk4N9A0oCA>

Esta é a ideia central que permeia esse artigo, norteando também a investigação que deu origem ao Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais – Licenciatura

(Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas), defendido em março de 2018. O TCC - “A Jornada do Herói: uma metáfora possível para a formação docente” - está sendo aprofundado em dissertação encaminhada no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Artes Visuais (CEARTE, UFPel). Qualificada como autobiográfica, ela aborda o Monomito/Jornada do Herói (CAMPBELL, 2007) como meio instigador de reflexões poéticas acerca da trajetória de vida e de formação, discutindo sobre as vitórias, percalços e aprendizados que compõem o processo de formação humana/docente.

A metodologia desenvolvida no TCC está estruturada a partir de dois conceitos principais: “fato biográfico” (DELORY-MOMBERGUER, 2016) e “momentos-charneira” (JOSSO, 2004), relacionados às ideias de Campbell. “Fato biográfico” se refere ao estudo do biográfico nos processos de individuação e de socialização dos sujeitos e ao questionamento de suas múltiplas dimensões, colaborando para “melhor compreender as relações de produção e construção recíproca dos indivíduos e das sociedades” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 136). “Momentos-charneira” (JOSSO, 2004), por sua vez, alude aos momentos considerados como “divisores de águas” entre dois períodos distintos da vida, e que através da reflexão proposta por uma escrita de si, possibilitam uma verdadeira experiência formadora.

O foco desta escrita, portanto, é a problematização acerca desses conceitos vinculados a processos de (auto)formação. Relacionados à memória e à criticidade, eles evidenciam metodologias voltadas à “formação experiencial” (JOSSO, 2004) e viabilizam a compreensão acerca da importância de reflexões, principalmente poéticas, sobre o vivido e os valores que orientam mentalidades e comportamentos.

2 | RELACIONANDO JORNADA DO HERÓI E VIDA

Ao longo de suas pesquisas, Campbell estabeleceu relações e descobriu que diferentes mitos ao redor do mundo partilham de características narrativas comuns e que podem ser associadas a um esquema circular, remetendo à própria jornada humana sobre o planeta. E isso diz respeito ao conjunto de transformações a que cada um de nós sistematicamente é submetido, estimulado por fatos marcantes/biográficos e “momentos-charneira”, referenciados por Delory e Josso, respectivamente.

Do ponto de vista da geometria euclidiana o círculo compreende a região formada por uma circunferência - lugar dos pontos de um plano, localizados a uma mesma distância de um ponto central - e o conjunto de pontos nela contidos. Sua forma é considerada “perfeita”, pois não tem arestas, nem início ou fim. Na perspectiva da filosofia, Nicola Abbagnano (2000, p. 142) coloca:

Em geral, o Círculo é considerado sinal da incapacidade de demonstrar. Hegel observou, porém, que “a filosofia forma um Círculo” porque, em cada uma de suas partes, deve partir de algo não demonstrado, que é por sua vez o resultado de alguma outra de suas partes.

Sendo assim, é possível entender o esquema proposto por Campbell como um encadeamento sucessivo de reflexões que encaminham tomadas de posições, determinantes dos eventos subsequentes. E esse raciocínio está em acordo com os preceitos de uma pesquisa autobiográfica, a construção de seus saberes, e a centralidade do fato biográfico no processo, visto que se refere aos processos de individuação, de construção de si, relacionados ao conjunto das interações sociais.



Figura 2: Esquema da Jornada do Herói.

Disponível em: <https://quadrinhos.com/2014/03/28/a-jornada-do-heroi-2-episodio-da-serie-quadrinhos-explicam/>.

A esquematização da Jornada do Herói (Figura 2) considera que o processo começa e termina no “Mundo Real”, passando pelo “Mundo Especial”, universo impulsionador da jornada. Para a sua estruturação, Campbell considera a existência de doze etapas, explicitadas a seguir.

“Status Quo” se refere ao local, e seus valores pré-estabelecidos, no qual o herói vive antes do início da jornada. Na etapa intitulada o “Chamado à Aventura”, o herói recebe algum tipo de sinal misterioso que o impulsionará a se aventurar, sendo que em “Mentor”, ele recebe o auxílio de alguém geralmente mais velho e mais sábio. Na “Travessia do Limiar”, o herói sai de sua zona de conforto no mundo comum, e parte para um mundo desconhecido, geralmente mágico, dando início a sua aventura. Já mergulhado no universo do desconhecido, ele alcança o “Caminho de Provas”, etapa na qual enfrentará “monstros” e obstáculos, que são representações encarnadas dos medos humanos. Na “Aproximação” o herói enfrenta o seu maior medo, sendo que a “Crise” e o “Renascimento” são representativos dos momentos de maior tensão da jornada, abrangendo a morte e o renascimento, simbologia que representa o início de uma mudança interior. Após ter passado pelos desafios, o herói recebe alguma espécie de recompensa em forma de “Tesouro” ou poder especial, para no “Retorno” ele voltar ao mundo comum do qual saiu. Na “Nova Vida”, a jornada mudou o herói, e ele superou sua vida anterior, sendo que na “Resolução” todas as tramas são resolvidas, e um novo mundo comum se configura agora elevado a outro nível. E assim, o herói

está pronto para receber o próximo “Chamado para a Aventura”.

É possível perceber, portanto, que a cada etapa, brevemente descrita, o protagonista/herói dá um passo na direção de aprimorar-se como ser humano reflexivo, aprendendo e apreendendo o contexto maior, pois para Campbell o herói não possui nada de onipotente ou divino, ao contrário, a característica própria do mito é a de traduzir aquilo que só acontece na psique humana. Como diz o autor na obra “O Herói de Mil Faces”, “A função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás” (CAMPBELL, 2007, p. 22). Sendo assim, o método proposto com base na Jornada do Herói se configura como um recurso para o entendimento do imaginário humano (DURAND, 2010) em seu incessante processo de mudança e (auto)formação.

Explicitados os significados simbólicos das etapas propostas por Campbell para a Jornada do Herói, é importante agora refletir sobre as motivações que promovem a passagem de uma etapa à outra. Na associação desse esquema aos processos de formação humana, à pesquisa autobiográfica, nós analisamos as etapas como geradas por “momentos-charneira”. Esses demarcam passagens entre etapas de vida, nos quais o “sujeito confronta-se consigo mesmo, em virtude de uma descontinuidade que vive a impor-lhe transformações mais ou menos profundas e amplas” (JOSSO, 2004, p. 44).

A identificação desses “marcos” (trans)formadores viabiliza processos de autoconhecimento, dando visibilidade ao capital simbólico que atua como elemento constitutivo da formação humana num amplo sentido. Isso é um apoio à Escrita de Si (JOSSO, 2004), configurada através de memórias, escritas, compartilhamentos e reescritas poéticas, pois “Vivemos uma infinidade de transações, de vivências; estas vivências atingem o status de experiências a partir do momento que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que se passou sobre o que foi observado, percebido, sentido” (Ibid., 2004 p. 48). Desta forma, o esquema narrativo criado por Joseph Campbell é ressignificado, contemplando os processos de formação experiencial, baseados na escrita de si, estruturada a partir dos fatos biográficos.

3 | EXERCITANDO A JORNADA DO HERÓI COMO METODOLOGIA DE PESQUISA

Para a utilização do esquema da Jornada do Herói na investigação desenvolvida como TCC adequações foram realizadas, resultando na diminuição do número de etapas (Figura 3). A experimentação do método foi analisada em relação à história de vida do pesquisador/proponente e seus processos de (auto)formativos. Sendo assim, os “momentos-charneira” foram selecionados a partir de um recorte de tempo que neste caso, remete ao período da educação formal, do ensino básico ao acadêmico.

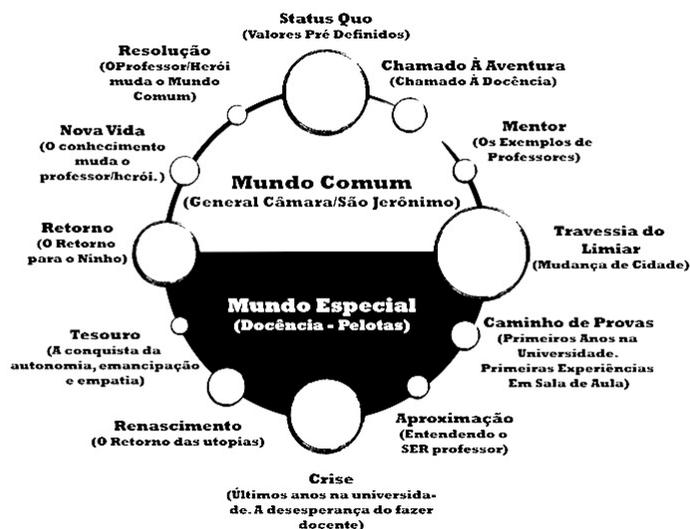


Figura 3: Ítalo Costa. Jornada do Professor/Herói. 2017.

Esta delimitação é importante, pois a Jornada do Herói, assim como qualquer história, resulta em narrativa centrada num determinado período de vida do personagem, compreendida como uma sucessão de eventos e fases, altos e baixos, integrantes de um todo. Ou seja, não há apenas uma Jornada, assim como não há apenas uma única ‘aventura’ em nossas vidas. Poderemos ter diversos “Chamados a Aventura” assim como muitos “Desafios”, “Crises” e “Recompensas”.

No contexto da história de vida analisada foram identificados dez “momentos-charneira”, articuladores da formação do pesquisador/futuro professor:

1. A passagem turbulenta pelo Colégio Militar de Porto Alegre, entre os treze e quinze anos;
2. Conhecer a professora Clara Medeiros durante o terceiro ano do ensino médio, em 2012, que propiciou um reencontro com o imaginário heroico da infância;
3. A transferência para a cidade de Pelotas para cursar Artes Visuais – Licenciatura na Universidade Federal, em 2014;
4. As primeiras experiências em escolas como futuro professor;
5. As trocas de moradia em Pelotas em busca de um espaço melhor para habitar;
6. A permanência no grupo de pesquisa PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq), do qual participo desde 2014;
7. O falecimento do avô, em 2016;
8. A participação em atividades do movimento (Re)Existência (CeArte/UFPel);
9. A atividade na disciplina de Introdução à Escultura, no ano de 2017;
10. Conclusão do TCC e sua apresentação, em 2018.

E foram esses “momentos-charneira”, instigados por “fatos biográficos”, que determinaram a análise desenvolvida, apresentando os resultados/narrativas explicitados a seguir:

Status Quo - Na história do pesquisador o Mundo Comum toma forma a partir de em um emaranhado de mundos e de jornadas experienciadas antes do início da Jornada do Professor/Herói, momento em que foi desbravado o “Mundo Especial da Docência”. Tudo começou em General Câmara (RS), uma cidade interiorana em vias de desaparecimento, repleta de casas em ruínas, palcos de grandes aventuras lúdicas infantis, vividas em liberdade. Liberdade essa, que contrastava com a rigidez do Colégio Militar de Porto Alegre, quando lá começou a estudar. Na época, ainda criança, viveu o cerceamento da liberdade e a imposição de regras que educavam o corpo para se adequar a vida em ambiente militar, com pouco espaço para brincadeiras e valorização de uma educação bancária (FREIRE, 2016) em detrimento da subjetividade. Essa etapa se encerrou em São Jerônimo, após o abandono da escola militar, e uma nova experiência em uma escola particular com valores que também cerceavam a autonomia.

Chamado à Aventura - Este momento se refere à descoberta do mundo da docência como uma prática profissional possível, e ao encontro com a professora Clara Medeiros Dias, no ensino médio. Foi através dela que chegaram os estímulos e o consequente interesse pela docência como profissão: o exemplo mais significativo, em sua concepção, de um professor/herói.

O Mentor - Os primeiros mentores se constituíram no âmbito familiar, especialmente sua mãe, dentre outros, e foram eles que viabilizaram sua mudança da cidade de São Jerônimo para Pelotas. Porém, mais tarde, os mentores foram personificados através dos professores que atuaram em sua graduação. Em especial a professora Cláudia Mariza Mattos Brandão, e seus ensinamentos sobre arte/educação ao longo do curso, em diferentes momentos, principalmente, durante o tempo de convivência no grupo de pesquisa que ela coordena, o PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq). Foram anos de trabalho intenso e de atuação como bolsista de iniciação científica (PIBIC), desde 2016, mas essa influência não se restringiu apenas ao aspecto acadêmico. Esses são ensinamentos que levará consigo para as jornadas futuras. Entretanto, apesar de se limitar a citar alguns professores, nesta etapa a força inspiradora do modelo de todos os docentes com os quais conviveu também estão presentes para apoiá-lo em sua própria jornada.

Travessia do Limiar - Esta etapa pode ser representada pela mudança de São Jerônimo para a cidade de Pelotas, com o ingresso na universidade e seus desafios. É nesta etapa, de forma geral, que o Professor/Herói pode atravessar o limiar apenas quando aceita em si o desafio da docência.

Caminho de Provas - Em sua jornada as provações se deram pelo seu medo de crescer, uma vez que se coloca não apenas como um futuro professor, mas também como um jovem a caminho da vida adulta e de sua autonomia. Este crescimento se dá, principalmente, através de suas primeiras experiências em escolas, de sua participação ativa no PhotoGraphein, e pela conquista de um espaço particular para

viver, viabilizado através das mudanças de habitação que fez em Pelotas, na busca por uma melhor qualidade de vida.

Aproximação – Esta etapa se inicia com a compreensão e aceitação das inseguranças acerca da escolha profissional, e do próprio crescimento/transição para a vida adulta, e elaboração da autonomia em si mesmo. Isto, pois com o entendimento de que os medos são os próprios “demônios” é que se tem a chance de dominá-los, percebendo que são apenas processos naturais da vida humana.

Crise - Após vencer os medos que orbitavam o mito da docência, pode se ter a falsa impressão de que os desafios da profissão haviam sido solucionados, mas não. A etapa corresponde à compreensão de que os problemas integram a vida, momento em que a verdadeira “Crise” toma forma, ou seja, o questionamento acerca do sentido da vida e da própria identidade, individual e profissional. E é aqui que a busca do sentido de si pode levar para uma jornada cada vez mais profunda, em busca de alguma utopia como “tábua de salvação”. No caso analisado, esta tomada de consciência foi provocada pelo falecimento do avô, durante um semestre conturbado por regressões no cenário político nacional.

Renascimento - No caso da identidade docente, esta etapa se dá através da ponderação sobre os ensinamentos da jornada e a consequente ressignificação da identidade: o ser/fazer, de um futuro docente. Assim, dá-se um novo sentido, e se assume uma nova utopia que servirá como um impulso de vida necessário para seguir em frente, e encarar o trabalho e a realidade do estudo e do fazer docente com ânimos redobrados.

Tesouro – Corresponde à superação das etapas de formação e à obtenção do conhecimento necessário para se tornar um Professor/Herói. Não necessariamente significa graduar-se, não se pode resumir quatro anos de curso apenas à conquista de um canudo. O “Tesouro” reside no que se aprendeu e apreendeu nesse tempo na graduação, e às coisas que se leva para a vida, tanto materiais, emocionais, mas, principalmente, as que envolvem desenvolvimento pessoal. Nesta etapa acontece a percepção da mudança, pois uma vez passado pela jornada e se confrontado e ressignificado a própria identidade, não se é mais o mesmo.

Retorno, Nova Vida, Resolução - Como na etapa de “Travessia do Limiar” aqui novamente o professor/herói é posto à prova, mas dessa vez com a possibilidade de voltar para o “Mundo Comum”. A insegurança de deixar o “Mundo Especial” para trás e não saber o que está à espera do outro lado é uma característica desta etapa. Nela não há mais espaço para retornos, assim como parecia não haver espaço para avançar, isso devido ao tempo investido desde o início da jornada. Nesta etapa cabe ao Professor/Herói decidir se continua sua aventura após voltar para o “Mundo Comum”, ou se contribuirá com seu antigo lar de alguma forma, através do conhecimento adquirido, pois “Se são heróis verdadeiros, retornam com o elixir do Mundo Especial, trazem algo para dividir com os outros ou algo com o poder de curar a terra ferida” (VLOGGER, 2015, p. 283). De toda forma, o Professor/Herói é considerado o “Senhor de Dois

Mundos”, tendo a livre passagem entre o “Mundo Comum” e o “Mundo Especial”. Com o domínio do conhecimento proporcionado pela jornada, o “herói” se assemelha mais ao “Mestre” que guiará uma nova leva de Professores/Heróis.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizar a Jornada do Herói criada por Campbell para representar uma trajetória de vida significa “beber” em fontes universais. Isto, pois ao comparar o professor com o herói, busca-se propor que ambos, em seus processos de formação, podem ser identificados como “aqueles cujo trabalho é a difícil e perigosa tarefa da autodescoberta e do autodesenvolvimento – os que são levados a cruzar o oceano da vida” (CAMPBELL, 2007, p. 30). Trazer os valores do mito para a realidade presente possibilita acreditar que aqueles que desejam embarcar nessa reflexão podem vir a desenvolver um sentimento de autonomia e emancipação ao se tornarem autores de sua própria história. Além disso, percebe-se a diferença que o uso do Monomito faz na visualidade da pesquisa em questão, pois além de dar forma a um discurso poético, que se dedica a colocar o professor como herói, também torna os passos da (auto) formação memoráveis, facilitando elencar-se os “momentos-charneira”.

Importante destacar que essa prática metodológica associada a processos de criação artística, como aconteceu no TCC referido neste artigo, possibilitaram a elaboração de um livro de artista que deu visualidade aos processos de escrita de si. A elaboração poética da Jornada do Herói evidencia a potencialidade da arte e seus fazeres como mediadores do universo mitológico do imaginário com a (re)invenção de si através da escrita autobiográfica. Na Jornada do Professor/Herói o Tesouro se dá como o “talento mestre” que Joseph Campbell nos fala. Através da autonomia, emancipação e empatia aprende-se que a superação dos desafios possibilita o trânsito livre entre o Mundo Comum e o Mundo Especial, e é este o poder que faz de todo herói um mestre.

Tais resultados reflexivos comprovam que a Jornada do Herói de Campbell adaptada como metodologia de pesquisa viabiliza e visibiliza processos de formação como (auto)formação (aprender a formar-se). E isso traz ao pesquisador a sensação de empoderamento de si, o que, por conseguinte, nos faz autores de nossa própria história, diretores e roteiristas no palco de nossas vidas. Além disso, tal postura vem de encontro a uma cultura da alienação, do não pensar, presente em uma sociedade pautada pelo consumo, na qual todos estão distraídos demais com si mesmos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. Editora Pensamento, 11ª Edição, 1995. DELORY-

MOMBERGER, Christine. **A Pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular**. Trad. Eliane das Neves Moura. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, 2016.

_____. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DURAND, Gilbert. **O Imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Editora Paz & Terra 60ª Edição, 2016.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

VLOGER, Christopher. **A Jornada do Escritor: Estrutura Mítica para Escritores**. São Paulo: Aleph. 3ª Edição, 2015.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-281-4

